



AS PERSPECTIVAS E DIFICULDADES DAS AVALIAÇÕES ESCOLARES FRENTE À FORMAÇÃO DOCENTE

Natália Araújo de Almeida (1); Alexsandra Pereira dos Santos (1); Maria Stela de Oliveira Guimarães (2); Kelly Cristine Moreira de Almeida (3); Alesson Ferreira Rocha (4)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais - Campus Salinas
almeida.natalia1995@gmail.com

Resumo:

A avaliação educacional é um instrumento usado para diagnosticar resultados e sabendo utilizá-los, pode ser parceira e sinalizadora na busca pelo sucesso da aprendizagem. Entretanto as trajetórias escolares revelam que o conceito de avaliação escolar é distorcido. Nesse sentido, é necessário compreender que as avaliações não ocorrem somente ao realizar uma prova escrita, atribuindo notas ao suposto conhecimento alcançado pelos alunos, mas sim de forma contínua e processual respeitando as diferenças em sala de aula. Esta pesquisa tem como objetivos analisar as concepções dos alunos perante as avaliações de Biologia e identificar os sentimentos dos estudantes ao realizarem as avaliações. A abordagem metodológica utilizada é qualitativa, onde será realizado um estudo de caso e aplicação de questionários para turmas de 1º ano do ensino médio do IFNMG - *Campus Salinas*. Dessa forma a pesquisa realizada apontou os vários sentidos das avaliações escolares e as possíveis mudanças para a efetivação do conhecimento, contribuindo para uma reflexão crítica dos futuros docentes. A análise dos questionários demonstrou que os alunos sentem medo e angústia, antes, durante e após a realização das provas. Cruzando os resultados da pesquisa com as observações, conclui-se que temer o erro é uma falha pedagógica, onde professores e alunos devem entendê-lo como nova possibilidade de aprendizado, pois a construção do conhecimento é contínua. Assim é possível afirmar que refletir sobre reformulações da prática avaliativa fará com que a avaliação escolar seja um exercício prazeroso para os alunos e também um instrumento positivo para vida acadêmica.

Palavras-chave: Avaliação, educação, formação, docente, biologia



Avaliar consiste em exercer uma apreciação sobre algo para verificar possíveis resultados. Dessa forma, as avaliações escolares tornam-se subsídios importantes para guiar tanto professores quanto alunos, pois fornecem informações capazes de analisar os caminhos percorridos, as dúvidas ou dificuldades, direcionando o ensino em sala de aula além de proporcionar diagnósticos para nortear as ações do processo educativo.

Analisar os diversos instrumentos de avaliações utilizados pelos professores de Biologia mostrará as possíveis dificuldades que perpetuam durante a prática docente. A referida pesquisa busca compreender os aspectos históricos das avaliações, com intuito de analisar as dimensões deste percurso na prática educacional e formação de professores. Faz-se necessário discutir o verdadeiro significado da avaliação, mostrando aos alunos as diferentes ferramentas existentes e que podem ser utilizadas como atividades avaliativas.

Atualmente, as avaliações estão inseridas em praticamente todos os contextos das interações humanas, percorrendo desde a infância até as diversas formações profissionais, envolvendo diferentes momentos e processos. O autor Luckesi define que,

O termo avaliar também tem sua origem no latim, provindo da composição *a-valere*, que quer dizer "dar valor a...". Porém, o conceito "avaliação" é formulado a partir das determinações da conduta de "atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso de ação...", que, por si, implica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato ou curso de ação avaliado. Isto quer dizer que o ato de avaliar não se encerra na configuração do valor ou qualidade atribuídos ao objeto em questão, exigindo uma tomada de posição favorável ou desfavorável ao objeto de avaliação, com uma conseqüente decisão de ação. (LUCKESI, 2008, p. 94)

Neste sentido, muitos pesquisadores da educação apontam que nossas escolas precisam repensar sobre o significado da avaliação e as ferramentas avaliativas utilizadas. Sendo necessário compreender os aspectos históricos e suas perspectivas, contribuindo para mudanças no ambiente escolar. Partindo desse pressuposto, ao analisar as dimensões dessa trajetória relacionando à prática educacional e formação de professores, será possível diagnosticar as falhas para tentar superá-las, promovendo uma reflexão para as ações dos futuros docentes, na busca por uma educação transformadora.

A história da avaliação da aprendizagem é muito recente, em relação à história dos exames. Sendo que estes estão presentes na sociedade há milênios, como por exemplo; na China a mais de 3.000 anos antes de Cristo, os soldados só eram escolhidos para lutar no exército, por meio de exames seletivos. Todavia, com o passar do tempo às características destes exames foram modificadas, dando origem aos exames que conhecemos até nos dias atuais. Como descrito por Luckesi (2011, p.27); "Os exames escolares, que conhecemos e hoje ainda praticamos em nossas escolas foram sistematizados no decorrer dos séculos XVI e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

XVII, junto com a emergência da modernidade”. Assim, de acordo a historicidade da avaliação escolar, entende-se que desde o nosso passado, somos marcados por fortes conceitos positivistas. E com o tempo tornamo-nos sucessores de um severo sistema de provas. De modo que os estudantes eram manipulados perante os reais interesses das classes dominantes. Desta forma,

O positivismo ocupa a segunda metade do século XIX e espalha-se pelo mundo com força e amplitude inigualáveis. Nesta época, a produção econômica era o grande foco amplamente valorizado pela sociedade. Nada mais óbvio, portanto, do que a procura de sustento filosófico para emoldurar as ideologias sócio-político-econômicas emergentes. (RONCA, 1991 p. 21)

Seguindo os desígnios da classe superior, a escola desempenharia grande papel para manter essa sociedade econômica em equilíbrio e estável. Numa concepção behaviorista, uma das principais funções do ambiente escolar seria exclusivamente formar proletários para suprir as necessidades de um sistema econômico dominante. Em consequência, com o grande avanço das ciências naturais o positivismo agregou força, atribuindo as suas ideias nos acontecimentos sociais. Desde então, a prova foi considerada como único instrumento adequado para avaliar os alunos e seus desempenhos perante os conteúdos estudados. Confirmando os pensamentos de Ronca;

O positivismo admite unicamente o critério da verdade cientificamente provada, da experiência, dos fatos positivos, visíveis, sensíveis. Enredado nesse processo, surge a necessidade de prova objetiva, clara, mensurável ou qualificável. Criando o mito de uma “ciência neutra”, livre de julgamentos de valor, o Positivismo arruinou qualquer tipo de subjetividade. Ao impor a objetividade como regra única de quem quer “fazer ciência” e não com um dos possíveis complementos e uma outra dimensão da ação científica, o Positivismo anulou o pensar subjetivo e o sentir. Esqueceu-se da sensação e da emoção. (RONCA 1991, p. 22)

Por essa razão, nascem características estruturais negativas enraizadas nas avaliações até nos dias atuais. Neste padrão, perdeu-se parte da subjetividade perante as atividades avaliativas, aumentando as exigências por respostas enquadradas somente no rigor e modelos científicos, deixando de lado o contexto de interpretação dos sentimentos e argumentações.

Nessas condições os alunos foram induzidos a entender que a Biologia é unicamente uma matéria pronta, onde não competem diferentes opiniões como subsídios para novos conhecimentos ou reflexões. Desfragmentando a imagem da escola como espaço promissor para a sistematização dos diferentes conhecimentos e inteligências.

Paralelamente, encontramos muitos professores que ainda posicionam-se em um excessivo padrão conservador, onde cobrar conteúdos decorados seja o fundamental para avaliar o desempenho dos estudantes. Além disso, erroneamente o professor tende a repetir com seus próprios alunos, as angústias que vivenciou na escola, por achar que certos atos são corretos ou para tornar os alunos disciplinados. Atribuindo que estudar significa exclusivamente decorar respostas e responde-las na hora das provas. Desta maneira, a prova



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

tornou-se uma forma de obrigar os alunos a estudarem certo conteúdo. Sendo que, infelizmente os mesmo só estudam em função da prova ou das notas.

Denunciando toda a dimensão compulsiva existentes nesta relação, observamos que professores não saberiam trabalhar sem aplicar provas. E os alunos sem as fazerem. Para aqueles o verbo avaliar, de conotação espaçosa e extensa, fica reduzido a “dar provas”. Para estes, o verbos estudar, de conotação ampla e majestosa, reduz-se a “decorar para as provas” (RONCA, 1991 p. 17)

Conseqüentemente, as notas são consideradas mais importantes e o conhecimento é deixado de lado. Os índices quantitativos demonstrariam o mérito ao receber a prova corrigida com a referida nota. Em muitas situações os alunos só realizam uma atividade, se forem avaliados em notas, caso contrário não há sentido realizar tal exercício.

Já em outros casos conservadores, o não entendimento sobre algum assunto estudado ocorre exclusivamente pela falta de atenção ou empenho dos alunos. Na verdade,

O que tal fato revela? Uma visão de conhecimento behaviorista que sugere que o aluno não aprende simplesmente porque não faz tarefas previstas, não presta atenção às explicações do professor, não corresponde ao ideal do “bom aluno”. Não se quer dizer que tal conduta do aluno na escola não seja necessária. Mas tal explicação sumária e definitiva deixa de lado questões muito importante de investigar. (HOFFMANN, 2014, p. 51).

Entende-se também que essa situação foi adquirida ao longo dos tempos, com o objetivo de manter a organização social. Logo, surgem às relações entre professor e aluno, que em geral foram marcadas pelo autoritarismo. Revelando uma pedagogia de submissão e de sobrevivência, impedindo os alunos de realizarem questionamentos e de se tornarem mais críticos, pois aprendiam que somente o professor seria dono de todos os conhecimentos.

Paralelamente, a prova reflete a imagem desde monótono processo. Como descrito por Ronca (1991, p. 15); “Ainda insistentemente vista como cobrança, ela passa a ser ocasião em que o professor excedendo o papel de “dono” de determinado conteúdo dado, vai simplesmente verificar o quê o aluno aprendeu.”. Por estes e outros motivos à prática avaliativa tornou-se tão difícil e preocupante para os alunos. É importante salientar que;

A avaliação da aprendizagem escolar no Brasil, hoje, tomada *in genere*, está a serviço de uma pedagogia dominante que, por sua vez, serve a um modelo social dominante, o qual, genericamente, pode ser identificado como modelo social *liberal conservador*, nascido da estratificação dos empreendimentos transformadores que culminaram na Revolução Francesa. (LUCKESI, 2011, p. 29)

A partir dessa consideração, pode-se alegar que a avaliação é utilizada muitas vezes de forma segregadora e definitiva, classificando os alunos em “bons, médios e ruins”. Porém, o papel da avaliação não consiste em aferir somente o estudante, mas sim; estabelece critérios avaliativos para questionar todo o contexto escolar, desde os alunos, professores, escola, comunidade até a gestão governamental.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Deste modo, os critérios para avaliação devem estar interligados com a realidade e situação sociocultural dos alunos, para que não ocorram desigualdades. Também é perceptível a presença de conceitos neoliberais nas políticas que envolvem a educação pública, onde erroneamente cremos que a saída para os problemas educativos é a privatização.

Na verdade, o neoliberalismo consiste em um pensamento filosófico com interferência diretamente na economia, de modo a deixar o estado à parte de suas verdadeiras funções, em uma ideologia de intervenção mínima. Por consequência, sutilmente os cidadãos são manipulados para acreditarem que o privatizado é melhor, mais rápido e mais eficiente, uma vez que o estado é incompetente para cumprir suas obrigações básicas.

Os pensamentos de Luckesi (2011, p. 59) vão de encontro com esta colocação, pois “O sistema social não demonstra estar tão interessado em que o educando aprenda, a partir do momento em que investe pouco na educação. Os dados estatísticos educacionais estão aí para demonstrar o pequeno investimento, tanto do ponto de vista financeiro quanto do pedagógico, na efetiva aprendizagem do educando”. Para tanto, percebe-se que existe um grande descaso do governo de nosso país perante a educação nacional, que desencadeia várias consequências na formação dos estudantes e na efetiva prática dos educadores.

Por este motivo, discutir sobre avaliação consiste em uma importante ferramenta coletiva, ao qual é possível problematizar os fatos sociais, levando a comunidade escolar a refletir criticamente sobre instrumentos que contribuam para a criação de uma sociedade mais justa, democrática e cidadã. Por essa razão;

Uma melhoria da qualidade do ensino deve absorver os dois níveis de preocupação: escolaridade para todas as crianças e escolas que compreendam essas crianças a ponto de auxiliá-las a usufruir seu direito ao Ensino Fundamental no ensino de sua promoção como cidadãos participantes nessa sociedade; ou seja, que se perceba a educação como direito da criança e que se assuma o compromisso de tornar a própria consciente desse direito e capaz de reivindicar uma escola de qualidade. (HOFFMANN, 2014, p. 20)

Além disso, cada aluno aprende de maneira diferente e processual, e portanto o professor deve compreender como ocorre o conhecimento em seus distintos estágios, para não se sentir culpado caso alguém não compreenda a explicação naquele instante. A partir dos discursos apresentados evidencia-se que;

O aluno constrói o seu conhecimento na interação com o meio em que vive. Portanto, depende das condições desse meio, da vivência de objetos e situações, para ultrapassar determinados estágio de desenvolvimento e ser capaz de estabelecer relações cada vez mais complexas e abstratas. Os entendimentos dos alunos são decorrentes do seu desenvolvimento próprio frente a umas e outras áreas de conhecimento. (HOFFMANN, 2014, p. 53).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Dessa forma, o professor deve exercer um papel amplo como profissional educador, promovendo sempre uma investigação em sala de aula, além de desenvolver atividades que despertem a atenção e a curiosidade dos estudantes na busca pelas respostas para suas indagações. Colaborando para que a educação seja uma intervenção decisiva na formação de futuros cidadãos.

Neste caso, a didática é uma área de conhecimento fundamental em auxílio à carreira profissional do educador. Pois ao ensinar, o professor deve refletir sobre; que sujeito/aluno/profissional estou formando? Na realidade trata-se de formar personalidades para uma sociedade onde se está inserido, para poder transformá-la. Logo,

A escola como instituição histórica é socialmente determinada. O desafio que se coloca é a busca de identidade da escola inserida num contexto social, com suas características peculiares, sua clientela, seus agentes, sem perder de vista que sua função político-pedagógica primordial é a formação de cidadãos que atuem e participem na construção de uma nova ordem social. A exigência de formação de cidadãos implica à necessidade de um ensino de qualidade para todos. (VEIGA, 1996, p.156)

Deste modo, as avaliações da aprendizagem devem contribuir para melhor desenvolvimento estudantil de cada aluno, envolvendo os aspectos sociais, caso contrário às provas serão meros instrumentos para coleta de dados.

Numa visão mais profunda, a avaliação deve ser exercida de forma quantitativa e qualitativa ao mesmo tempo, para analisar todos os eixos. Entretanto, a avaliação somente e por si só, não resolve nada, sendo necessário saber lidar com os resultados, tomando as iniciativas para uma nova ação que se traduz em Ação X Reflexão X Ação.

Caso necessário, o professor ao identificar as dificuldades que os alunos demonstraram por meio das atividades avaliativas, deve retornar ao conteúdo, para que os alunos aprendam pela correção das suas dúvidas.

Considerado as descobertas de Jean Piaget, um dos mais admiráveis pesquisadores da educação e da pedagogia, em suas teorias procurou inserir uma metodologia inovadora, buscando a formação de cidadãos pensantes e críticos.

Por meio de suas análises, foram conquistadas várias transformações na educação, desmascarando a aquisição do conhecimento absolutamente perante a transmissão de informações. Este, tornou-se o ponto inicial para entender o processo de compreensão do conhecimento. Conforme Ronca;

Enquanto tais teorias tentavam determinar o Conhecimento como um processo transmissível, efetivado sempre de fora para dentro, o professor Piaget quis vê-lo numa dimensão oposta, ou seja, na dimensão endógena. Interior, portanto. Mais do que isso: na sua teoria operatória do desenvolvimento intelectual, baseou-se



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sempre e constantemente numa visão Construtivista do conhecimento: ao longo da vida do Ser Humano, o Conhecimento é, pois um processo a ser construído! (RONCA, 1995 p.21)

Dessa forma, o educador não deve apenas ensinar, mas sim orientar os seus educandos no caminho para uma aprendizagem autônoma.

Durante as suas pesquisas Piaget observava principalmente os comportamentos de seus próprios filhos. E assim, idealizou a Teoria Desenvolvimentista, onde o homem é compreendido como um ser em desenvolvimento. De tal modo, relacionando com as atividades avaliativas, Piaget mostrou que a aquisição dos conhecimentos não ocorre unicamente na transmissão de uma pessoa para outra. Rompendo também com as ideias de que ao nascer já temos todo potencial e estruturas cognitivas prontas. A esse respeito;

Enquanto tais teorias tentavam determinar o Conhecimento como um processo transmissível, efetivado sempre de fora para dentro, o professor Piaget quis vê-lo numa dimensão oposta, ou seja, na dimensão endógena. Interior, portanto. Mais do que isto: na sua teoria operatória do desenvolvimento intelectual, baseou-se sempre e constantemente numa visão Construtivista do Conhecimento: ao longo da vida do ser humano, o conhecimento é, pois um processo a ser construído. (RONCA 1995, p. 21)

Nesta reflexão, as inteligências dos estudantes apresentam um determinado prosseguimento contínuo, cumulativo e concomitante. Sendo dever da escola; ampliar este campo de interferência educacional, para que os alunos possam construir o seu próprio conhecimento de forma integral. De acordo Ronca (1991, p. 34) “Isso significa ensiná-lo a estudar. Ensiná-lo a pensar, a operar, não dando tanta ênfase ou privilegiando somente a ação da memorização dos conteúdos”.

Perante a teoria de Piaget o estudante é um indivíduo que almeja conhecer e desvendar os mistérios do meio em que vive, aprendendo através dos seus próprios atos.

Entretanto, muitas pessoas podem questionar sobre a importância da memorização dos conteúdos. Sim, é fundamental que os alunos aprendam e memorizem seus conhecimentos, mas, esse processo deve ocorrer de forma integrada, onde a informação seja ponte e acesso para o pensar.

O autor Ronca (1991, p. 34) utiliza-se da seguinte argumentação “Entendamos, finalmente, que a memória é uma ação igual à atenção e à percepção e que estas estão a serviço, operações e vice versa, tentando fazer um todo harmonioso, porém nada mágico, chamado aprendizagem.”. Nesse caso, pelo contato direto dos alunos com as informações estudadas em sala de aula, é possível aprender de forma significativa, memorizando as informações, pelo simples fato de não serem informações desconhecidas.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

METODOLOGIA

Esse trabalho possui duas ferramentas metodológicas; um estudo de caso e questionários com questões abertas e fechadas. Tais instrumentos foram desenvolvidos e aplicados durante o primeiro trimestre letivo, para 85 alunos distribuídos em três turmas do 1º ano do ensino médio, integrado ao ensino técnico em agroindústria, informática e agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais - *Campus Salinas*.

A abordagem da pesquisa é qualitativa, envolvendo a descrição dos contextos observados além de relatar uma sequência de atividades. Esta abordagem abrange todos os dados coletados por meio dos questionários, relacionando-os com os argumentos dos autores.

Durante o estudo de caso, foi realizado um acompanhamento junto às três turmas na disciplina de biologia, em suas aulas e possíveis avaliações. Dessa forma, foram analisadas as situações do cotidiano escolar, descrevendo as dificuldades ou perspectivas dos alunos perante o ensino de Biologia. Segundo o autor Gil (2002, p.54); o estudo de caso consiste em uma análise profunda de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento.

Os questionários foram desenvolvidos mediante a problematização da pesquisa, identificando; os sentimentos manifestados pelos alunos ao realizarem provas, as metodologias de ensino e recursos que facilitam o processo de ensino-aprendizagem, além de aferir a opinião dos alunos sobre a metodologia avaliativa do atual professor de biologia.

Neste sentido, esta pesquisa busca também; relacionar as práticas observadas com os contextos históricos das avaliações, considerando as diferentes ferramentas didáticas.

A finalidade é levantar dados quantitativos sobre as metodologias avaliativas utilizadas pelo professor durante as aulas, além de verificar os aspectos qualitativos, analisando as dificuldades dos sujeitos da pesquisa. Contudo, os dois procedimentos, se relacionam contribuindo para uma análise crítica a formação docente, uma vez que pela pesquisa foi possível conhecer a realidade escolar, norteando os caminhos frente uma formação docente.

RESULTADOS

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



Os resultados dos questionários aplicados aos alunos dos 1º ano do ensino médio serão apresentados nas seguintes tabelas:

Tabela 1 - Os sentimentos manifestados ao realizar uma atividade avaliativa.

Sentimentos / Turmas	Agroindústria	Agropecuária	Informática	Geral
Calma e Tranquilidade	0	6	1	7
Medo e Angústia	5	0	2	7
Ansiedade e Preocupação	29	23	12	64
Outro sentimento	1	4	0	5
Nenhum sentimento	0	1	1	2

Tabela 2 – Percentual

Sentimentos / Turmas (%)	Agroindústria	Agropecuária	Informática	Geral
Calma e Tranquilidade	0,0 %	17,70 %	6,25 %	8,26 %
Medo e Angústia	14,35 %	0,0 %	12,5 %	8,26 %
Ansiedade e Preocupação	82,70 %	67,55	75,00 %	75,22 %
Outro sentimento	2,95 %	11,80 %	0,0 %	5,90 %
Nenhum sentimento	0,0 %	2,95 %	6,25 %	2,36 %



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Tabela 3 – As metodologias de ensino e/ou recursos que facilitam o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Metodologias	Agroindústria	Agropecuária	Informática
Aulas Práticas	31	33	15
Experiências	31	30	14
Jogos didáticos	20	17	9
Debate	13	22	9
Mapas conceituais	15	10	8
Seminário	11	6	1
Prova Oral	3	7	2
Prova Escrita	1	4	0
Dramatizações	0	3	5

Obs: As escolhas foram aleatórias, não determinando quantidade de opções a serem marcadas.



CONCLUSÃO

Uma educação de qualidade é direito de todos, desde a escolarização na infância até outros níveis de formação. Sendo dever do governo, desenvolver e cumprir com políticas públicas para garantir e assegurar estes benefícios para todos. Por meio de toda a historicidade compreende-se que seja indispensável superar as marcas deste princípio conservador e tradicional, saindo em direção às mudanças promissoras.

Esta superação significa abastecer de novos horizontes, buscando o desenvolvimento contínuo dos estudantes, ao acompanhá-los em suas tarefas, valorizando as diferentes opiniões, verificando as dificuldades existentes e, sobretudo compreender que há diferenças no meio escolar.

Como a participação no processo de aprendizagem é mútua, os critérios de avaliação não podem ser apropriados somente pela opinião do professor. Pois, pela intervenção dos estudantes podemos desvendar habilidades e metodologias talvez até desconhecidas pelo próprio educador. Não basta apenas detectar que as escolas precisam de ações transformadoras, é preciso acima de tudo agir, pois simples gestos no ambiente escolar demonstram grandes mudanças.

Em uma sala de aula, os alunos são capazes de desenvolver inúmeras atividades, abrangendo diferentes tipos de avaliações, desde tarefas, exercícios, apresentações, práticas, debates, dramatizações, mapas conceituais, seminários, paródias, dentre outros. Mostrando a heterogeneidade e grandeza do nosso ensino, conciliando também com aspectos culturais de cada região do nosso país. Portanto, em uma visão mediadora, diagnóstica e qualitativa os alunos podem ser avaliados em vários aspectos.

A discussão sobre o real sentido da Avaliação se torna oportuna, pois deve-se repensar a função e a verdadeira importância do ato de avaliar para os estudantes. A mesma deve ser encarada como uma oportunidade de testar conhecimentos, esclarecer dúvidas e pensar cientificamente. Não deve ser vista como uma fase final, e sim como um ponto de largada para a vida escolar do aluno, na construção do conhecimento e no fazer científico.

Portanto, a avaliação somente e por si só, não resolve nada, sendo necessário saber lidar com os resultados, tomando as iniciativas para uma nova ação que se traduz em Ação X Reflexão X Ação. O erro deve ser entendido como fonte de crescimento, tornando-se ponto de partida para o desenvolvimento intelectual, não repetindo experiências negativas, mas retornando aos pontos necessários para restabelecer o equilíbrio, mostrando o erro como parte da aprendizagem. Contudo, é fundamental a realização de uma análise reflexiva sobre o papel



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

da educação, por parte dos professores e também dos estudantes de licenciatura para compreenderem os vários sentidos das avaliações e as possíveis mudanças para a efetivação de novas práticas. Assumindo um caráter para além de transmitir conteúdo, investigando os diversos instrumentos de avaliação utilizados na formação de professores e na prática docente, para contribuir com os alunos na construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª. ed.– São Paulo: Atlas, 2010.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação, mito e desafio: uma perspectiva construtiva**. 8ª ed. - Porto Alegre RS, Mediação, 1991.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 9ª. ed. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico**. 1ª. ed. -São Paulo: Cortez, 2011.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22ª. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.
- RONCA, Paulo Afonso Caruso. **A aula operatória e a construção do conhecimento**. 21ª ed - São Paulo: Editora do Instituto Esplan, 1995.
- RONCA, Paulo Afonso Caruso. **A prova operatória: contribuições da psicologia do desenvolvimento**. 10ª ed – São Paulo: Editora do Instituto Esplan, 1991.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Didática: O ensino e suas relações**. 18ª ed - Campinas, SP: Papyrus, 1996.